



FORMAÇÃO HUMANA E O SENTIDO DA VIDA: QUAIS PEDAGOGIAS?

Human development and the meaning of life: which pedagogies?

Fabiana Oliveira **CANAVIEIRA**
Departamento de Educação I
Universidade Federal do Maranhão
São Luís (MA), Brasil

fabicanavieira@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-1484-4549> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

A pandemia mundial da COVID-19 que se inicia no Brasil em março de 2020, leva-nos a presenciar a finitude da vida humana de forma drástica. As desigualdades sociais se agravaram e revelam que umas/uns têm mais direito à vida do que outras e outros. Para alguns e algumas, guardar a quarentena com distanciamento social por mais de três meses provocou uma série de novos questionamentos, para além das questões pessoais da própria existência, mas, sobre o nosso futuro como espécie; as causas que nos trouxeram até esse contexto de crises, e a demanda por “Ideias para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019) se tornaram ainda mais urgentes. É nesse contexto que este ensaio é pensado, dando uma chance para as inquietações que mantém a mente alerta ao mundo. Trata-se da tentativa de estabelecer intercessões entre diferentes visões que pensam a formação humana e como estas operam com o(s) sentido(s) da vida. Para tanto, mobilizo a filosofia Arendtiana a partir das categorias de natalidade e *amor mundi*. Opero, principalmente, com os conceitos de *vida zoe* e *vida bios* pontuados por Giorgio Agamben a partir da perspectiva Foucaultiana de biopolítica e biopoder. Por fim e, para adiar/evitar os fins, me inspiro e tento inspirar, a construção de outras Pedagogias e perspectivas formativas, de adultos/os e crianças, em diálogo com a cosmovisão indígena de Ailton Krenak (2019, 2020) e com o manifesto xamanico cosmopolítico e futurista do Davi Kopenawa (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

PALAVRAS-CHAVE: Formação Humana. Filosofia da Educação. Cosmovisão indígena Vida. Pandemia.

ABSTRACT

The global pandemic of COVID19, which began in Brazil in March 2020, led us to witness the finitude of human life in a drastic way. Social inequality escalated and revealed that some people have more rights to life than others. For some people, the lockdown and social distancing for over three months brought several new questioning, beyond personal issues and issues regarding their own existence, but also issues concerning our future as species; the causes which brought us to this crisis context, and the demand for “Ideas to postpone the end of the world” (KRENAK, 2019) became even more urgent. It is in this scenery that this essay takes place, giving voice to the restlessness that keeps our minds alert to the world around us. It is an attempt to establish intercessions between different views on human development and on how those operate when it comes to the meaning of life. In order to do so, Arendt Philosophy comes to place on natality categories and love of the world. This essay fundamentally operates based on concepts of bare life (zoe) and qualified life (bios) by Giorgio Agamben derived from Foucault’s concepts of biopolitics and biopower. And at last, to postpone/avoid the end, this essay strongly encourages the construction of different Pedagogy and children and adults development perspectives, in line with Ailton Krenak’s indigenous cosmovision (2019, 2020) and with *Manifesto Xamanico Cosmopolítico e Futurista do Davi Kopenawa* (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

KEYWORDS: Human Development. Philosophy of Education. Indigenous Cosmovision Life. Pandemic.

FAZER NASCIMENTOS

Há uma filosofia, uma teologia e uma pedagogia do viver, que atribuem sentido à vida para além do *biologismo* costumeiro, contudo, me parece que os conhecimentos sobre o *bem-viver* vinham relegados, até sermos surpreendido com uma pandemia. Com a crise sanitária mundial causada pela pandemia do COVID-19 que se inicia na China no final de 2019 e se agrava internacionalmente a partir de fevereiro de 2020, se espalhando por todos os continentes e levando a morte em massa, o imperativo das mortes nos impeliu, de diferentes modos e intensidade, a pensarmos sobre a vida, sobre o viver e o existir.

Tentando perpassar essas reflexões por uma perspectiva filosófica, me surgiram vários questionamentos, entre os quais: há uma "arte do viver"? Vivemos ou existimos? É possível concordar com Zigmam Bauman quando diz: "a vida é uma obra de arte"? Não como exaltação de uma vida bela, harmônica e feliz, mas como um fato, dado a unicidade de cada vida? Ou, a categoria explicativa da gestão das vidas na contemporaneidade seria "apenas" o *biopoder*?

Esse ensaio não pretende apresentar respostas, mas sistematizar inquietações que mantenham a mente aberta, e provoquem um pensar e agir conscientes, para que assumamos nosso papel como sujeitos históricos, ou melhor, como atores sociais da história viva de um tempo atípico. Não estamos só vivendo a história, estamos construindo-a, mesmo quando a negamos. Mas, temos a plena consciência de qual história estamos construindo? Qual tipo de existência, de modelos de vida e de viver, de relação com o mundo e com as outras formas de vida para além das humanas estamos legando para as próximas gerações? Nenhuma dessas questões parecem diretamente ligada à educação, mas quando pensamos com Hannah Arendt quando pondera a relação da educação a natalidade, tendo na educação da pequena infância a acolhida, socialização e responsabilidade que nós educadoras e educadores tempos com a continuidade do mundo, sem as questões sobre as compreensões sobre vida e o existir nos dizem respeito enquanto profissionais da educação da Educação Infantil.

Fertilização in vitro, direito ao aborto, clonagem, inseminação artificial, eugenia, embriões humanos, doação de órgãos, manipulação e terapias genéticas, são (re)definições sobre os limites da vida e da morte, são exemplos de formas de poder que os seres humanos e instituições possuem, sobre os corpos e as vidas. Essas e outras tecnologias de poder sobre os corpos Foucault (1987) denominou de biopoder. Aquele poder que se exerce sobre a vida das pessoas. Poder que age não só sobre os

corpos e as subjetividades de um sujeito, mas sim de uma população. De forma massificante, age sobre o corpo e a subjetividade de uma sociedade, como dispositivos que alegam a garantia da segurança, da vida e da ordem, tais como as políticas de previdência social; de saúde pública; a quarentena, o distanciamento social e os protocolos sanitários estabelecidos no atual contexto da pandemia, tudo isso são dispositivos de *biopoder* e afetam adultos e crianças.

Entretanto, as formas de vida que não se limitam às vidas humanas, são muitas, são diversas em tempos e modos de viver, do nascimento à morte, porém, são interdependentes uma das outras, mas nosso *egoantropocentrismo* tem privilegiado, de forma reducionista, apenas a vida da espécie humana. Contraditoriamente, há movimentos de oposição à manipulação genética, à reprodução induzida e morte de plantas e animais. O que pode ser um indicativo da sacralização de algumas formas de vida. Mas quais vidas nós estamos reduzindo e quais estamos sacralizando? Quando pensamos isso de forma geracional, essa sacralização se dá para todas as idades da vida humana? E quando pensamos na interseccionalidade, classe social, raça e gênero, quais vidas são valorizadas? Quem cria conceitos sobre a vida? Todo mundo entende a vida da mesma forma? Como empresas, corporações, estados ultraliberais e supercapitalistas vêm as vidas? O sentido da vida humana está ou não está em perigo?

Essas questões se somam a outras formas de reflexões sobre a vida, a exemplo de como pensar a natalidade, que tem sido pautada marcadamente por duas perspectivas: a familiar, como algo do âmbito do privado; mas quando abordada como agenda pública ela ganha notoriedade enquanto dado estatístico de crescimento e densidade populacional, e a natalidade enquanto acontecimento filosófico? Quero com essas alusões salientar que a morte tem ganhado mais evidência na sociedade contemporânea do que o nascimento e as formas de vida, vivemos os tempos da *necropolítica*¹ como o poder e a capacidade do Estado de deixar morrer.

Falar de vida é falar de nascimentos, é considerar as diversas formas de vida das diferentes espécies, é abordar o amor ao solo que habitamos, ao mundo, e aos valores e sistemas que tentam manter certa harmonia entre as formas de existência que coabitam o mundo. Nesse ensaio visou abrir uma modesta trilha entre diferentes perspectivas filosóficas sobre a arte de viver, mas também, dando destaque para as

¹ Categoria cunhada por Achille Mbembe (2018) quando diz que trata-se d"o poder e a capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer" (2018, p. 5). Que entendemos como uma forma de violência estatal ligada às estruturas que organiza as relações sociais e de produção da sociedade, reproduzindo-se no cotidiano dos diversos grupos e, aqui especificamente, no cotidiano da população negra.

narrativas e a sabedorias tradicionais indígenas sobre o tema, começando com o pensamento do líder indígena Ailton Krenak (2020b), quando diz:

A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial (...) A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é e pensam que é só uma palavra. Assim como existem as palavras "vento", "fogo", "água", as pessoas acham que pode haver a palavra "vida", mas não. Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição (KRENAK, 2020b, p. 15).

As reflexões presentes neste ensaio não têm a pretensão de fazer discussões sociológicas contextuais, e ainda aspirarem provocar reflexões filosóficas, isso seria uma aspiração ambiciosa que não cabe ao estilo ensaístico, aos objetivos de aproximação de conceitos filosóficos e a sensibilidade fluída dos saberes tradicionais indígenas. Também não se aspirou relacionar diretamente as discussões aqui apresentadas ao contexto político pedagógica da educação básica brasileira, mas sim, refletir com educadoras e educadores sobre nossa formação humana, no sentido autoformativo.

MUNDO E FORMAS DE VIDA – ZOÉ E BIOS

Buscando na Antiguidade clássica reflexões filosóficas sobre o entendimento acerca do sentido da vida é possível constatar que os gregos não possuíam um termo único para exprimirem suas concepções sobre a vida, esse entendimento era feito de duas maneiras distintas, que a dividia entre vida natural e vida qualificada. Segundo o filósofo italiano Giorgio Agamben (2007) os termos utilizados pelos gregos para designarem as formas de vida podem ser entendidos sinteticamente como: zoé – que exprimia a vida comum de todos os seres e, bios – que indicava a forma de viver própria de um indivíduo em comunidade; essa divisão foi perdendo sentido ao longo do tempo, e zoológico e biológico tornaram-se quase que sinônimos, mas usados para espécies de vidas distintas, contudo as acepções gregas carregam um aprofundamento filosófico que nesse momento de crises dos sentidos da vida, de constatação da fugacidade desta e da necessidade de ressignificação de nossas concepções de humanidade, urgem serem retomadas.

O sentido de vida como zoé refere-se a vida nua, que é próprio a tudo que vive, comum a todas as formas de vida. Vida como soma de processos naturais biológicos do organismo, às propriedades essenciais de seres organizados que vão do nascimento

à morte, com evento cíclico, com um início e fim que se interligam, e tem como objetivo sua própria preservação, a pura existência.

Nela a sobrevivência está relacionada à satisfação das necessidades, ao consumo de substâncias exteriores (até outras formas de vida) para manter a existência, isso pode se dar de forma racional ou instintivamente, essa ação de "consumo" materializa o contato com a realidade. Consumir é consumir a fim de viver, e viver é viver a fim de consumir (AGAMBEN, 2007). A vida passa a ser um ato meramente repetitivo de todo e qualquer ser vivo, de autopreservação. É um eterno retorno: necessidade – satisfação; produção – descanso; desejo – saciedade. Essa lógica nos leva a uma visão de trabalho ditado pela necessidade da vida. (Hannah Arendt, 2007). A felicidade desta vida está ligada apenas à autossatisfação de todas as necessidades para a sobrevivência. Jan Masschelein (2017) ao debater o assunto, afirma que a vida como mera existência nua não dá lastro a uma biografia, não constroi traços identitários.

Agamben (2007) desenvolveu sua argumentação querendo demonstrar como o poder soberano no Ocidente dar-se pela politização crescente da "vida nua", da vida natural, do corpo individual daquele que apenas consegue lutar por sua sobrevivência enquanto espécie, o que o transforma em um corpo apolítico. Zoé é entendida como vida politicamente desqualificada, excluída do mundo político, pois, neste, só poderia existir a vida politicamente qualificada - bíos (AGAMBEN, 2007).

Segundo Masschelein (2017) a vida bíos alude a existência e experiência humana, é a vida de um "alguém", não é limitada à um ciclo natural, diz respeito a um conjunto de eventos singulares que podem ser recontados, o que ele também discorreu como capacidade de produzir biografia. Isso se aproxima do que o Ailton Krenak (2019) afirma como essencial para adiar o fim do mundo, que é a importância de contarmos histórias. A bíos é relacional, nos relacionamos com as coisas/artefatos para além das necessidades da nossa própria sobrevivência. A principal diferenciação da vida bíos, como a vida de alguém, não é a felicidade e o bem-estar, mas sim o sentido. A vida bíos é um tipo de práxis (MASSCHELEIN, 2017), não é a execução de um plano de preservação da espécie, mas de agir e falar com outros. Isso não leva a produção de qualquer coisa, mas introduz alguém no mundo e preserva este mundo. O mundo é construído e preservado em atos e discursos. Não há vida se não há mundo.

Para que exista a vida de alguém, artefatos foram criados e tirados da natureza e podem resistir aos ciclos humanos. Esses artefatos não servem para sustentar a vida, mas criam o mundo no qual os seres humanos sejam capazes de existir, desde que isso não seja feito de forma predatória. Retirando para o acúmulo, para a produção de bens

e riquezas materiais privadas. Estes recursos naturais, ou criados à partir da natureza, são produzidos para que perdurem e não para o consumo desenfreado. O mundo está relacionado a durabilidade, *ao amor mundi* “quero que o mundo persista”, uma durabilidade que se dá pela renovação das espécies, isso implica uma responsabilidade por/com ele. Para vida de alguém não há necessidade só de um mundo dos artefatos, mas um mundo como rede de sentidos e relações dadas dentro da pluralidade de seres que são, ao mesmo tempo, iguais e diferentes. O homem faz o mundo e torna a si mesmo uma parte do mundo (ARENDR, 2009).

EDUCAÇÃO E SENTIDOS DA VIDA

Jan Masschelein com suas elaborações feitas em 2017 antecipou interrogações que poderiam ter sido construídas especificamente para o momento da pandemia - ele pergunta se o mundo humano não estaria ameaçado dado o declínio do respeito à vida, acrescentando, se essa constatação não seria suficiente para uma educação voltada para a valorização da vida. A mim, tais questionamentos parecem exemplares para os tempos pandêmicos de 2020, em que a luta pela sobrevivência está longe de significar respeito à vida, e que a crise sanitária, de saúde pública e política desvela consigo uma crise de modelos e concepções educacionais, de formação humana. Onde nos currículos da educação básica e da formação de professoras e professores está sendo pautado a valorização das diferentes formas vidas, atribuindo a estas sentido e significado diferenciados?

Mas, ao falar de vida, o autor não está se restringindo a primazia da vida nua, a zoé, nem apenas às vidas humanas, mas as vidas que dão sentido ao mundo, enquanto convivências. Em diálogo com Hannah Arendt, Masschelein debate a canonização da vida, ou como ele prefere denominar a sacralização da vida, em uma inversão da antiga hierarquia entre vida contemplativa e vida ativa, essa inversão se dá, segundo os dois autores, pela forma como o cristianismo passa a repudiar o mundo, atribuído como sujo, efêmero e perecível, em detrimento de uma vida imortal, que começava na terra, mas continuaria no céu, assim, o mundo perde importância, pois torna-se lugar de passagem, da provisoriedade, enquanto as vidas individuais ganham tanta importância a ponto de serem sacralizadas, pois transcenderiam a este mundo, nas palavras de Masschelein (2017) sentimos a urgência desse debate.

A sacralidade da vida tem tido efeito destrutivo sobre o mundo. O mundo é entendido aqui como um habitat durável do ser humano, construído de coisas

materiais feitas por ele e pela rede de relações e instituições estabelecidas entre seres humanos. É entendido ainda como um espaço onde os problemas são a existência humana e o sentido dos eventos, onde o sentido da vida é buscado, discutido e testemunhado (MASSCHELEIN, 2017, p. 20).

Há um processo de alienação do mundo, uma desvinculação das vidas humanas do entendimento da Terra enquanto organismo vivo, não há mais, por uma dita humanidade, como denuncia Krenak (2019) uma cosmovisão integradora das vidas a um espaço tempo, as vidas transcendem e usam do mundo como suporte, como se este devesse ser subserviente as aspirações divinatórias, egoístas, consumistas e civilizatórias. Esse processo “vital” torna a felicidade e o bem-estar como medida - *quantitas*, como mercadorias. Tornando a Terra mais um objeto de uso na busca do substrato da realização pessoal e do prazer. Nesse processo há uma erosão de valores que tratam da vida como vida de um alguém, até o ponto em que instituições e relações humanas sejam transformadas em regulações puramente funcionais.

Este modelo de entendimento do viver é fruto dessa sociedade capitalista em que não é mais possível que a maioria das pessoas se preocupe com o bem-viver no sentido Aristotélico, mas apenas com a sobrevivência. Todavia, esse sistema econômico nutre a ilusão de que o incremento de capital significaria um incremento de vida, mais felicidade e mais capacidade de viver, a pandemia nos desvelou o quanto isso é ficcional e falacioso. A supervalorização da vida e a negação da morte como seu oposto complementar tem ajudado a atribuir a vida essa rigidez destituída de sentido, que particularmente entendo como estágio inicial da *necropolítica*.

É ainda uma sociedade na qual tudo é entendido como elemento de um processo e na qual domina a aspiração à felicidade como o bem maior. De acordo com Arendt, isso decorre do ato de que a vida nua se tornou canonizada. Não o ser humano, mas a vida é que foi tornada a medida de todas as coisas. A reclamação comumente ouvida nos tempos egoísta que vivemos, no qual tudo é submetido ao interesse próprio e à busca da satisfação pessoal, falha em reconhecer que este egoísmo, de fato, esconde outro interesse o da própria vida: o egoísmo/egocentrismo da vida na qual a própria vida é a medida suprema. A vida (do indivíduo, do grupo e, finalmente, da espécie) deve ser defendida em seu próprio nome contra tudo que morreu ou é durável (matéria, instituições, tradições, regras do jogo, e assim por diante), tudo que limita seu crescimento e fertilidade. Como disse Foucault, a vida se tornou o suporte de pequenas e grandes guerras pela defesa da saúde, da prole, da raça, em suma, das possibilidades da vida do indivíduo e do corpo social, da economia, dos povos. A dinâmica da vida é a força motriz de uma política do bem-estar e da felicidade: a *biopolítica*. (MASSCHELEIN, 2017. p. 19).

Para contestar essas acepções é preciso dizer que não é a vida nua a medida de todas as coisas; este mundo, e logo as vidas, não existem a não ser entre seres vivos e, este só será um mundo humano, porque é feito pelos encontros. Pela inserção de sujeitos singulares na pluralidade do mundo. É o surgimento de outra pessoa que abre

a questão do sentido da vida, nas diversidades. O sentido das nossas construções, nossas interpretações são confrontadas no encontro com alguém. Isso gera uma pedagogia que não se pauta no conteúdo, mas na presença.

Por isso, a educação não devia se ocupar apenas em ensinar o valor da vida de forma individualizada, como a vida de cada um/uma, mas procurar manter aberto um espaço no qual a questão do sentido possa surgir, um espaço de responsabilidade, um espaço de/para o pensamento, que nada tem a ver com conhecimento ou aprendizagem, não é a apropriação de algo, mas sim uma ética. O pensamento é a interpelação do outro alguém, o diferente, por respostas e por sentido, dar-se aí a alteridade, na ética do encontro.

Fugindo a um modelo de vida pronta, pela perspectiva de vida da adultez, e pensando-a pela ideia da introdução dos recém-nascidos no mundo, no processo de socialização do humano, não de um mero estar no mundo, mas como pertencente ao mundo, temos a educação como mediadora entre o velho e o novo, entre os mundos, urbanos e não-urbanos, humanidade e “sub-humanidades” (KRENAK, 2019). Há, nesse debate educacional, uma responsabilidade política daqueles que educam, que é com a herança comum e pública dos saberes, das instituições e das relações, e com as crianças que se iniciam no mundo; com o passado enraizado no mundo, o que a educação indígena faz tão bem, mas também, com o futuro que visa lhe conferir mais durabilidade.

No quadro de uma relação pedagógica mediada pela instituição escolar, cabe ao professor assumir a responsabilidade pelo processo de iniciação de seus alunos na herança pública de práticas, linguagens e saberes que uma comunidade política – ou uma sociedade – escolheu preservar por meio da transmissão escolar. Aposar-se dela significa, a uma só tempo, criar laços de pertencimento a um mundo comum e desenvolver qualidades e talentos pessoais por meio dos quais cada novo ser que vem ao mundo pode revelar sua singular *unicidade* (CARVALHO, 2017, p.43, grifo no original).

É Hannah Arendt (2007) quem associa o debate da natalidade à educação, para ela a essência da educação está na natalidade, o fato de que novos seres nascerem no mundo. E ao tematizar os vínculos entre nascimento, com os novos começos em concomitância com o desejo de estabilidade do e no mundo, o faz, na dualidade com o tema da liberdade. No momento presente, em que não só a educação está em crise, mas nossas concepções de vida e de mundo, em que nossas perspectivas de liberdade foram cerceadas por um vírus, cabe-nos repensar “que a salvação potencial do mundo está no próprio fato de que a espécie humana se regenera sempre” (ARENDRT, 2007, p. 227), mas estamos garantindo essa regeneração de todas as espécies e da terra?

Ela diz que a crise na educação advém da nossa crise com o passado, pelo fato de “recebermos uma herança sem testamento”, mas, que recebemos e estamos legando um passado em ruínas, repleto de catástrofes, o que torna a tarefa educacional mais complexa do que já é, responsável pelo convite ao *amor mundi*. O abandono e a corrosão do mundo no modelo de vida nua, da sociedade de consumo para sobrevivência agrava ainda mais esse cenário da crise da educação. Para uma vida qualificada, que é uma vida política, nossas responsabilidades educacionais também são políticas, ou seja, estamos tentando pautar pedagogias do encontro, da ética do cuidado e cosmopolítica.

Em Arendt, o amor ao mundo, exemplificado pela esperança em sua renovação, está vinculada muito mais a um modo de nele agirmos e com ele nos relacionamos do que a um sentimento apriorístico dos sujeitos, é precisamente nessa intersecção - entre “o amor e o cuidado com o mundo” e a “fé e a esperança na natalidade” na capacidade dos homens de formar novas comunidades, de criar um novo início, porque cada uma e cada um de nós somos novos inícios e, portanto, iniciadores, pois ensejamos em nós a capacidade de iniciar, de prover natalidades – que deve se manifestar no compromisso da educação e das educadoras e educadores com a liberdade. É preciso liberdade para fazer nascimentos (CARVALHO; CUSTÓDIO, 2017).

POR UMA PEDAGOGIA DO CON-VIVER

Tanto Davi Kopenawa quanto Ailton Krenak, grandes líderes dos povos indígenas, são enfáticos na defesa de uma outra forma de existência, que não essa em que nós, os autodeclarados humanos, somos reconhecidos por estes como as verdadeiras pragas do planeta (Krenak, 2020b). Kopenawa (2015, p.27) explica: “os humanos não são os únicos seres interessantes e que têm uma perspectiva sobre a existência. Muitos outros também têm”. Os povos originários do Brasil sobreviventes resistem bravamente e são portadores de uma sabedoria mobilizadora do direito à existência, que vem sendo dizimada pela máquina civilizacional, operada pelo “povo da mercadoria” e sua relação doentia com a Terra. As denúncias, críticas, repreensões e chamamentos feitos por estes povos para que juntos, possamos ressignificar nossas ações e alterar nossa forma de habitar a Terra, são constantes, mas a maioria de nós não dava ouvido até a chegada do novo Coronavírus.

É incrível que esse vírus que está aí agora esteja atingindo só as pessoas. Foi uma manobra fantástica do organismo da Terra, tirar a teta da nossa boca e dizer:

“Respirem agora, quero ver”. Isso denuncia o artifício do tipo de vida que nós criamos. Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo (KRENAK, 2020b, pp. 6-7).

Quando perguntado, sobre “Como os índios vão fazer diante disso tudo?” Krenak (2019, s/p) responde: “Tem quinhentos anos que os índios estão resistindo, eu estou preocupado é com os brancos, como que vão fazer para escapar dessa”. As reflexões que ele faz em continuação a essa questão são, a meu ver, fundamentais para a ressignificação do processo educacional nesse momento de crise e de preocupações com protocolos, mais do que com as vidas. Ele diz: “garantir a diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos” (KRENAK, 2019, s/p). Ao lê-lo em paralelo ao Davi Kopenawa é possível apreender que as formas de resistências e sabedorias tradicionais sobre a existência são formadas pela expansão da subjetividade, de uma cosmovisão que não aceita a ideia de serem tratados como todos iguais, desconsiderando suas sabedorias, subjetividades e formas de viver. Por fim, Krenak (2019) nos lança a seguinte pergunta: como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser?

Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade — que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições —, foram devastando tudo ao seu redor. É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a *sub-humanidade*. Não são só os caiçaras, quilombolas e povos indígenas, mas toda vida que deliberadamente largamos à margem do caminho. E o caminho é o progresso: essa ideia prospectiva de que estamos indo para algum lugar (KRENAK, 2020b, p. 6).

O Estado cumpre papel fundamental nessa seleção-classificação, nada natural, e ao invés de assumir sua responsabilidade constitucional de zelo pela vida e a garantia de direitos que a preserva, abandona a população minoritária, condenando grupos étnicos, raciais e geográficos ao etnocídio ou, racismo de estado, típico de um estado de exceção (AGAMBEN, 2007). O professor Silvio Gallo (2020) articula dois conceitos, o de *biopolítica* elaborado por Foucault ao de *necropolítica* de Achille Mbembe e denominar de *bionecropolítica*, a define quando o estado afirmar a vida de uns, ao mesmo tempo que afirma a morte de outros. Há uma tecnologia de poder que investe a favor da morte de grupos minoritários, operada, como por exemplo: na escravidão e no militarismo.

A *bionecropolítica* é mais uma afirmação do obscurantismo, reproduzidor das diferentes formas de crise e instabilidades geradas pelo colapso das tentativas de consenso internas ao supercapitalismo. Essa categoria emergente ainda merece ganhar a potência que enseja na atual conjuntura, mas por enquanto, esse ensaio só pretender fazer anúncios provocativos e pautar a vida em meio a tantas mortes.

O professor Saulo Pinto em sua tese de doutorado intitulada "Esperança no mundo: ontologia, futuro emancipação no século 21" (2020), defende que o capitalismo tem ampliado seus mecanismos de dominação social até o ponto de estabelecer a exploração da liberdade, isto é, da estrutura do sentimento e da emoção. "O beco sem saída do capitalismo somente pode ser confrontado pela insistência na mudança do mundo". Ao se perguntar se "ainda temos futuro" e estender esse questionamento à intelectuais progressistas, afirma a necessidade da imaginação do futuro como o primeiro procedimento para superação do obscurantismo capitalista, realizando a emancipação como uma nova forma de sensibilidade e uma nova forma de habitar o mundo. Essa tese se aproxima em muitos aspectos das teses defendidas também pelos líderes indígenas aqui já citados.

Mas agora, mesmo nos centros urbanos, nas selvas de pedras, surge essa utopia de transformar o *cemitério de concreto* em vida. Novamente, tanto Krenak (2019, 2020a, 2020b) quanto Kopenawa (2015) concorda, mesmo dizendo isso de forma diferente, que, tanto os povos das florestas, quanto os de apartamentos, precisam despertar o poder interior. A lição pedagógica é bem simples: "temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver" (KRENAK, 2020b), a con-viver. Assim como Krenak, ele que tanto me inspirou e me forneceu as melhores reflexões para enfrentar essa dura quarentena, também quero encerrar citando a poesia "o homem, as viagens" de Carlos Drummond de Andrade:

Restam outros sistemas
fora do solar
a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilíssima e perigosíssima viagem
de si a si mesmo:

pôr o pé no chão
do seu coração
experimental
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrimo em suas próprias
inexploradas entranhas

Mesmo se tratando de um panorama ensaístico sucinto, ele auxilia a abrir um campo de visão, de possibilidades e potências, de perturbação de uma ordem formativa dada, para apontar que outras formas de fazer educação desde a pequena infância são desejáveis e urgentes. Dentro da perspectiva pedagógica e filosófica que se está acreditando e defendendo, não é possível estabelecer um roteiro como guia do bem-viver a ser implementado e seguido dentro de contextos educacionais, isso iria contra o ideário fluído, sensível e causal da vida e do conviver, em que atores sociais - sujeitos históricos constroem seus próprios percursos de vida, na luta pelo direito de existirem. Todavia, já temos sabedorias ancestrais que construíram percursos anticolonialista, anticapitalista, antiantropocêntrico e antinecropolítica que podem servir de lastro para a educação do con-viver, do *amor mundi*, dos novos inícios e da ética do cuidado, de onde pode emergir indícios que provoquem a edificação de novas configurações de currículos formativos, que rompam com a cultura escolar *sem-vida* que quer se estabelecer desde a Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer, o poder soberano e a vida nua**, I. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa, São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CARVALHO, José Sérgio F.; CUSTÓDIO, Crislei de O. **Hannah Arendt: a crise da educação e o mundo moderno**. São Paulo: Intermeios, FAPESP, 2017.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- GALLO, Silvio. **Fascismo e bionecropolítica na pandemia**. Somateriaia Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ameViPfVMTU&t=3656s> Acesso em: 25.05.2020.
- MASSCHELEIN, Jan. Mundo e vida ou educação e a questão do sentido (da vida). In: CARVALHO, José Sérgio F.; CUSTÓDIO, Crislei de O. **Hannah Arendt: a crise da educação e o mundo moderno**. São Paulo: Intermeios, FAPESP, 2017.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018. 80 p.

KRENAK, Aílton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, edição Kindle, 2019.

KRENAK, Aílton. **O futuro não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Aílton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, edição Kindle, 2020b.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

PINTO, Saulo. **Esperança no mundo**: ontologia, futuro e emancipação no século 21. UFMA: São Luís. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas – UFMA, 2020.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

FORMAÇÃO HUMANA E O SENTIDO DA VIDA: QUAIS PEDAGOGIAS?

Human development and the meaning of life: which pedagogies?

Fabiana Oliveira Canavieira

Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão
Departamento de Educação I
São Luís (MA), Brasil

fabicanavieira@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-1484-4549>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua dos Ipês, n. 17, apart. 203. Renascença. CEP 65075-200, São Luís – MA, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao amigo professor-pesquisador Jeferson Barreto Xavier pelas trocas reflexivas e afetuosas que amparam minha vida e produção acadêmica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: A. O. Canavieira

Coleta de dados: A. O. Canavieira

Análise de dados: A. O. Canavieira

Discussão dos resultados: A. O. Canavieira

Revisão e aprovação: A. O. Canavieira

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 04-01-2021 – Aprovado em: 13-01-2021